

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

Natália de Santanna Guerellus¹

Ainda hoje, grande parte da escrita feminina dos séculos XIX e XX é desconhecida, fato que contribui para que muito da história das mulheres e da história do Brasil seja também ignorado. No entanto, novos estudos de gênero vêm abrindo caminho para a apreensão dessas obras e para a incorporação delas à trajetória do país, auxiliados por novas perspectivas de análise e considerando a mulher como ator social.

Válido para um primeiro contato do estudante com o tema, o livro de Maria de Lourdes Eleutério traz um trabalho sociológico buscando desvendar o conteúdo da escrita feminina no entresséculos (1890-1930), além da repercussão que essa escrita pretendia.

A autora, nascida em Jaú, São Paulo, mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, desenvolveu este estudo como resultado de sua tese de doutoramento, apresentada ao Programa de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Miceli.

Como era de se esperar, a autora seguiu alguns temas já desenvolvidos por seu orientador, procurando, por exemplo, abordagens para o estudo da intelectualidade brasileira que envolvesse relações de poder no interior do grupo. No entanto, a pesquisadora não empregou em sua análise a profundidade alcançada por Miceli.

A tese principal do livro é discutir a inserção feminina na escrita da sociedade brasileira do entresséculos - como a mulher era representada por ela e para ela mesma – além de procurar desenhar a rede de relações que constituíam o espaço intelectual dessas escritoras e de que forma essas relações influíam na divulgação de seus nomes.

Nesse sentido, o período escolhido para a análise abrigou mudanças substanciais para as mulheres brasileiras. Foi o advento da República, junto a uma perspectiva positivista de valorização do feminino, do maternal, além da exaltação do saber e, portanto, da função educadora da mulher, que ofereceu condições para o ingresso destas no ambiente das letras.

¹ Graduanda em História na Universidade Federal do Paraná (PET - História).

Ainda que de forma tímida e restrita, as mulheres do começo do século já haviam conquistado o direito ao ensino superior, ocupavam grande parte das vagas no magistério e algumas opinavam abertamente sobre divórcio, casamento, voto feminino, desemprego e outras questões sociais.

De fato, as correntes que influenciaram o pensamento pré-republicano acabaram por promover diálogos e oposições no que diz respeito à situação da mulher e sua educação. O Estado serviu de mediador entre o conservadorismo católico e as idéias liberais e científicas. E, ainda que a esse diálogo não tivesse êxito imediato, foram os protestos do cientificismo e do liberalismo que desencadearam o lento, mas constante, processo de conscientização da situação da mulher².

Ao abordar o problema da escrita feminina brasileira como objeto de pesquisa, Maria de Lourdes Eleutério não só trabalha com fontes literárias, mas também com artigos de jornais e revistas, depoimentos, biografias e teses, sempre procurando mulheres que tencionaram firmar-se como intelectuais, como criadoras. A socióloga busca acompanhar a luta de irmãs, filhas, esposas e mães ilustradas para ingressar no mundo predominantemente masculino das letras no Brasil³.

Para isso, a autora separa o livro em seis capítulos baseados na divisão de parentesco, tendo sempre como referência o masculino, o que talvez torne a análise um tanto tendenciosa para uma discussão feminista, uma vez que parece trazer à tona um questionamento da relação de dependência da mulher. No entanto, o debate não chega a tornar-se um manifesto, como define Wilson Martins em resenha publicada pela *Gazeta do Povo*⁴. Este é citado três vezes durante o texto, sendo uma delas em tom desfavorável.

A citação ocorre quando a autora afirma que Wilson Martins escreveu sobre Clóvis Beviláqua:⁵ “a fraqueza inocente desse homem extraordinário consistia em considerar a esposa uma escritora de talento”. Frase citada no mesmo capítulo em que Maria de Lourdes fala da importância de Amélia Beviláqua e da exclusão desta como concorrente à Academia Brasileira de Letras. A socióloga argumenta contra o crítico: “Esquece-se ele [Wilson Martins] de que

² SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes, mito e realidade*. Quatro Artes: São Paulo, 1969. Pág. 225.

³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. Pág. 18.

⁴ Ver crítica de MARTINS, Wilson. *Questão de perspectiva*. In: *Gazeta do povo*. 14 de novembro de 2005. Caderno G pág. 2.

⁵ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira* Vol VI. Pág. 495..

o simples fato de ter como marido um homem da estatura pública de Clóvis Beviláqua era por si só um fator inibidor”, e reitera que as opiniões do marido eram mesmo uma forma de crítica literária acirrada à obra de Amélia, e não uma exaltação de seus valores femininos, como esposa, por exemplo.

Assim como Amélia Beviláqua é analisada em relação ao marido, Amélia de Oliveira está em relação a Olavo Bilac, Evangelina em relação a Lima Barreto, etc. O método muda um pouco durante o último capítulo, quando a o parentesco privilegiado é o da filiação materna, caso de Carmem Dolores e Madame Chrysanthème e Andradina de Oliveira e a filha, Lola de Oliveira.

Esta última análise traz discussões mais interessantes, uma vez que fala já dos anos 20 e 30 e, portanto, elucida a possibilidade de um carreira literária para a mulher, não mais limitada à escrita de versos ou à publicação de apenas um livro em vida. A mulher dessas décadas já consegue trabalhar efetivamente na grande imprensa em expansão e, mesmo com dificuldades, pode criar seus filhos e influenciá-los, como fizeram Carmem Dolores e Andradina de Oliveira.

Sendo assim, contribuições positivas podem ser encontradas no texto. E a principal delas é o fato de reiterar, como vem sendo feito por uma nova historiografia das mulheres, a participação feminina nas etapas da história do país. Trabalhos de gênero como este⁶ não estão mais a favor de uma ciência humana identitária e, portanto, excluente, e sim mais próximos de uma análise da relação, em que o próprio conceito de gênero veio a contribuir em oposição às primeiras visões feministas baseadas no sexo.

É nesse sentido que o conhecimento histórico implica no levantamento de questões que gerem ruptura. Assim, pensar que 50% da população mundial (no caso das mulheres, sem calcular o número de pobres, negros, homossexuais, etc.) foi incapaz de incorporar e difundir, ao longo da história, diferentes formas de representação, é ignorância. Nossa presente não é formado por uma visão única; faz parte daquele que trabalha com a História, trazer à tona, novas perspectivas, não só dos que “venceram” mas, principalmente, daqueles que lutaram.

Assim, “uma produção passa a dar voz às singularidades das experiências das mulheres, ressaltando os modos de fazer pelos quais os sujeitos

⁶ Estudos interessantes sobre a escrita feminina : PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997; SILVA, Cleuza Gomes da. *Modernizando o casamento: A leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Tese de mestrado, IFCH/Unicamp, 2001. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Editora Ática, 1984; HOLLANDA, Heloisa Buarque. *O “éthos” Rachel*. Cadernos de literatura Brasileira. Raquel de Queiroz. Instituto Moreira Salles, 2002.

se relacionam entre si e consigo, não só reiterando, mas reelaborando, transgredindo, rejeitando e escapando à normatividade”⁷.

Nessa direção, é sempre na relação com o homem, seja ele filho, marido ou pai, que a autora desenvolve suas conclusões, das quais a principal é a de que as mulheres que escreviam no entresséculos estavam preocupadas em buscar uma identidade, definir-se como mulher em meio aos novos ideais Republicanos e democráticos, além de posicionar-se frente ao casamento, divórcio, voto, educação, urbanização e industrialização do país. Vale ressaltar que essa busca por identidade foi uma característica comum ao final do século XIX e começo do XX, perpassando o ambiente político e institucional, literário, as diversas classes e grupos minoritários.

Por outro lado, a concentração da pesquisa em autoras do Centro-Sul⁸, fez com que o texto não expandisse a análise a outras regiões como o Nordeste, por exemplo, o que suscitaria interessantes discussões e comparações. Apesar de mencioná-lo superficialmente, quando trata da importância de Recife e Salvador para as letras da época, não aprofunda a questão.

Aliás, a falta de profundidade em outros aspectos sociológicos relembra a diferença em trabalhos como o do Prof. Dr. Sergio Miceli⁹. Por exemplo, o trabalho deste acerca da República dos anatolianos¹⁰ e de como se formaram os círculos intelectuais da época, analisando as relações de poder, passam muito ao longe do trabalho da autora. Como considera estas mulheres membros de grupos intelectuais, Eleutério poderia ter dialogado mais fortemente com as obras de seu orientador e, dessa forma, ter discutido as relações de poder que existiam no ambiente intelectual feminino¹¹, além de ir mais fundo nas relações de classe e raça. A quase ausência dessa análise dá à obra uma característica bem mais descriptiva que crítica.

Sendo assim, Maria de Lourdes Eleutério apresenta de forma clara objetos esquecidos, sendo de validade para os estudos de gênero, mesclando

⁷SILVA, Cleuza Gomes da. *Op. Cit.* Pág. 8.

⁸ A não ser pela breve menção a Úrsula Barros de Amorim, cearense que publicou sua primeira obra em Recife em 1901.

⁹ Ver MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁰ Texto em que examina a trajetória social de uma categoria de letados atuantes no período da República Velha (1889-1930) no Brasil, período situado entre o desaparecimento da geração de 1970, por volta de 1908-10, e a eclosão do movimento modernista de 1922.

¹¹ Este aspecto é apresentado apenas duas vezes, quando a autora cita Evangelina Lima Barreto e quando fala de Narcisa Amália, sendo que mais algumas dessas escritoras poderiam entrar na discussão, que envolveria daí questões de classe e cor.

história e literatura brasileira, proporcionando algumas conclusões essenciais e trazendo à tona a memória de mulheres destacadas na história do Brasil e que, em sua época, contribuíramativamente nas questões sociais. O resgate dessa memória instiga o leitor a procurar uma nova crônica de seu tempo, ir além do mundo intelectual conhecido e admitir a importância de novas abordagens para o estudo das Ciências Humanas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez editora, 1999.
- CARDOSO, Irene. *Os tempos dramáticos da mulher brasileira*. Centro Editorial Latino-Americano: São Paulo, 1981.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. *O “éthos” Rachel*. Cadernos de literatura Brasileira. Raquel de Queiroz. Instituto Moreira Salles, 2002.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- MATOS, Maria Izilda S. de & SAMARA, Eni Mesquita & SOHIET, Raquel. *Gênero em Debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- MARTINS, Wilson. *Questão de perspectiva*. In: Gazeta do povo. 14 de novembro de 2005. Caderno G pág. 2.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997;
- SAFFIOTTI, Heleith Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes, mito e realidade*. Quatro Artes: São Paulo, 1969.
- SILVA, Cleuza Gomes da. Modernizando o casamento: A leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940). Tese de mestrado, IFCH/Unicamp, 2001.